CADERNOS AH!

#30

CAIR: RECOMEÇAR A PENSAR

DIOGO PAIVA

Cair: Recomeçar a Pensar
Diogo Paiva

Paginação: Fernando Ramalho
Fotografia da capa: Pormenor de *Os Desarçonados*, de Pascal Quignard, Cutelo Edições, 2024, capa de Eduarda Neves, tradução de Diogo Paiva.

Diogo Paiva é tradutor e escritor português.

Março de 2025

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

Traduzir é um tenso jogo de fidelidade e traição. Em autores cujo foco criativo incide especialmente na linguagem, a tarefa é necessariamente dificultada, mas também potencializada no seu carácter lúdico, e recompensadora quando uma opção nos convence de ter granjeado uma feliz correspondência. Pois nessa duplicidade de quem respeita e desrespeita um original, de quem prossegue a direito ou ziguezagueia, de quem reescreve em cima e ao lado (e traduzir consistirá sempre na apresentação de uma sombra), é disso que se trata: correspondências. Uma correspondência que se formaliza em dois âmbitos que não se desconectam: a correspondência entre uma reescrita e uma escrita (para *aquela* palavra

propomos *esta*) e a correspondência entre uma autoria e uma leitura (*àquele* pensamento correspondemos *este*; *àquela* interpretação correspondemos *esta*; e até: *àquela* entidade correspondemos *esta*: o tradutor é a sombra de um ser do qual pretende (e sempre falha, e sempre tenta) adquirir a exacta forma.

Os Desarçonados é um desses casos em que a linguagem nos entusiasma, nos provoca (e convoca), nos convida a puxar pelas raízes de uma palavra e a sujar as mãos. Quando nos casos mais comuns a língua que um escritor inventa e nos concede se expande e rizomatiza (cada vocábulo em comunicação com outro, cada termo — explosivo — na iminência e na activa possibilidade da multiplicação), Quignard parece revelar-nos o contrário: a implosão da linguagem. O vocábulo recua até ao momento em que os elementos que o compõem se encontram, e não esterilmente: estilhaçados, fragmentados, incólumes ou transformados, esses elementos ressurgem, recombinam-se, ressignificam-se (podíamos pensar neste livro como um tabuleiro cujas peças se movimentam e reorientam numa perpétua reorganização de posições e comunicações: pensemos na recorrência de termos, de episódios, de personagens, de elementos, que surgem e tornam a surgir, por vezes metamorfoseados), e percorrem uma simultânea história íntima e ecuménica: o vocábulo de Quignard é prenhe de história, e não é por acaso que neste livro a forma anedótica serve o conteúdo vocabular. Estas intersecções podem estender-nos o tapete: Capítulo LX – *Vultur*, em que a imagem do abutre é dissecada, ou puxar-nos repentinamente esse mesmo tapete, quando tudo aparentava conduzir-nos a um entendimento reconfortante da carga simbólica que supúnhamos inerente à linguagem: Capítulo I – *O Rei Carlos IX moribundo*.

O texto é, nesse primeiro exemplo, constantemente atravessado por uma intenção que almeja a compreensão de dinâmicas duais: caçador-presa; vivo-morto; amador-amado, duração-acontecimento; círculo-linha; homem-animal. «Quem vai ser fascinante, quem vai ser fascinado. Quem vai ser a tese, quem vai ser a antítese. Quem vai saltar e devorar, quem vai ficar pregado ao chão e ser engolido.» Por outro lado, o processo referencial e orientador da linguagem serve também para a progressiva ingressão no mistério do que a antecede e consequentemente a compõe, ou pelo menos possibilita: «Observem o olhar do veado, de repente quieto, no alto da colina, quando as suas orelhas se viram no sentido de um som misterioso, quando os seus olhos se embaciam de medo ou aflição.»; «É preciso saber responder para o ar. São isso os livros. É preciso saber perder-se no vazio. É isso a luz com a qual os lemos. Só se deve responder aos

outros criando. É preciso deixar cair todas as outras formas de réplica.»; «Torna-te uma palavra obsoleta. Autoriza-te a abandonar o teu patronímico a fim de que este se torne nos teus lábios como uma palavra obsoleta.»; «A primeira língua da humanidade consistia no silêncio mortal.»; «[…] Paulo, caído do seu cavalo, descobrindo que deus é nada.» O som, o vazio, a palavra, o silêncio, o nada concatenam-se na tecedura da relação (temática) fundamental do livro (a relação fundamental da vida?): a relação que o homem (com todas as faculdades que o descrevem) empreende com o sentido e o não-sentido.)

Sem contradição, a linguagem pode servir de elo mágico entre o entendimento e o desentendimento de uma dualidade que se manifeste basilar: «Essa separação entre os vivos e os mortos dá-se na natureza através do bico dos pássaros entre o céu e a terra.» É então evidente que a língua de Quignard serve a razão e a magia, e que se a escrita é a expressão capacitante dessa razão, esta se funda, afinal, sobre a magia, o silêncio, o escuro, manifestações do vazio. «Todas as noites eu amava a noite como amaria uma paz feita de silêncio e escuridão.» Quignard relata ter chegado, em criança, a pedir aos seus familiares, com sucesso, que o deixassem comer no escuro. No adulto que escreve persevera a mesma tentação para o recuo ao tempo antes da luz, antes da palavra, antes

da razão. Ao tempo em que o homem ainda era animal; ao tempo em que o homem ainda não caíra do cavalo. E só talvez o homem posterior e que depois cai (cai da sua humanidade?) deterá o meio de regressar ao início. A dualidade compositiva e compelativa deste livro é, portanto, a linguagem-silêncio, ou poderíamos dizer: a razão-magia, ou ainda: o conteúdo-vazio.

Se «as aves de rapina são os nossos túmulos», podemos afirmar que a linguagem também o é. Quignard manuseia as ossadas de um pensamento prístino, redescobrindo-o, trazendo-o aos nossos dias: prístino também na acepção de nos ser fundador e fundamental. É como se Quignard nos escrevesse e lesse a partir do primeiro Homem.

A linguagem é o terreno da metamorfose incessante. Porém, naquilo que a linguagem resulta encontramos sempre os vestígios da sua transformação. Quignard é esse explorador que planeia indicar-nos as peças, os traços, as incipiências do futuro que pode estar guardado para a linguagem. A linguagem é a humana constelação de significados em acção: tremeluzindo, acentuando figuras, eventualmente apagando-se. A linguagem é a metamorfose do Homem por definição. É por isso que «a antropomorfose não está terminada». «Utilizar a linguagem é rezar ao Perdido.» E o Homem é e será sempre esse ser imperfeito situado entre o animal e aquilo

que podia ser um Homem e cujas formas ele tem a capacidade de sonhar.

A possibilidade de chegar ao início através da linguagem: a linguagem não é o início, é um sintoma do fim. Será, por isso, a linguagem o mais potente sistema proporcionador da queda: a via e o veículo para o espanto (já lá vamos).

«O "verdadeiro outrora" é desconhecido na origem.» Porque o fim e o início se tocam, e a história do pretérito e do futuro é impalpável, indomável, inapreensível, além de que o presente (o «presente presente») «nunca existe […] erra por todo o lado um intervalo morto».

A origem seria essa pré- (e talvez também pós-) linguagem, e é essa a motivação da escrita para *Os Desarçonados*: a representação (senão a reactualização) da «vez sem antigamente», «não somente o passado mas também todas as possibilidades não efectuadas do antigamente», «o começo […] a montante do espaço».

«[…] um gosto por uma reflexão apoiada nos pormenores e *nos restos de sentido perdido*» [sublinhado nosso], será a definição deste autor atribuída por Eduardo Prado Coelho. Podia também emparelhar-se o desarmante *incipit* de um seu outro livro (*Vida Secreta*): «Os rios mergulham perpetuamente no mar. A minha vida no silêncio.» Presenciamos um pensamento a acontecer, como, na Ágora,

um filósofo da antiguidade. Quignard move-se entre a linguagem e o passado, descobrindo e tornando a descobrir que a linguagem é o passado, ou a forma de a ele chegar («a palavra designa uma coisa que já não existe»; «O modo próprio à existência conjunta dos homens é o *pretérito*.» A narrativa é o tempo ainda assim imemoriável que assola o Homem e o transforma numa expressão. Escrever, um desvio para trás. É que não dá para ir mais para a frente e as nossas costas vedam-nos o que está para trás. Resta-nos cair, ou utilizar o pensamento, a linguagem.

Entre elipses e alusões, como alguém que constantemente nos indica que a realidade não é a realidade, Quignard insiste em acenar-nos com a noite que precede a linguagem. Por sua vez, os episódios que sustentam o livro, descrevendo figuras da História que a dado momento caíram a cavalo, reformulando-se, indiciam um meio de chegar à obscuridade, ao núcleo do não-sentido velado pelo sentido, do sentido velado pelo não-sentido: o espanto físico pode preceder o espanto espiritual. E o espanto é o meio mais digno de encarar a luz e a escuridão, o significado e o significante, o pensamento e o que pudesse haver antes: tal como Quignard faz com os termos e os elementos que pontuam o seu texto, a queda (o espanto de ser forçado à reorganização do corpo e do espírito) pode reorganizar para consigo e para com o

que o rodeia o homem caído. Pode reorganiza-lo no tempo. Completá-lo, desviá-lo, integrá-lo, mas de um modo tão absoluto, espantado, que deixa de haver passado, presente e futuro: o homem caído e *deslumbrado* insere-se no «presente presente». Nesse caso, em jeito de ilustração, será útil relembrar por inteiro o Capítulo XXXIV — *Gunnar desarçonado*:

> Gunnar despediu-se dos seus e saltou para a sela. Aproximou-se a trote lento do navio que deveria livrá-lo das perseguições dos barões islandeses e conduzi-lo até à Noruega. Mas de súbito o cavalo tropeça; Gunnar vai ao chão.
>
> Fica sentado na aveia; olha à volta; vê a colina; contempla as encostas cobertas de searas; avista ao longe a quinta que ele edificou.
>
> Levanta-se. De repente, mantendo-se quieto, de pé, ali no campo, gira lentamente sobre si mesmo, o céu está limpo.
>
> Ao longe, vê o mar.
>
> Do outro lado do fiorde, avista o vulcão.
>
> Diz:
>
> — Prefiro morrer mais cedo. Não faz mal se morrer mais cedo. Quero ficar no meio desta beleza.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa